

ANO XXVI
1967
9021
Preço 1400

DIÁRIO POPULAR

LISBOA
Domingo
26
Novembro

Director: MARTINHO NOBRE DE MELLO

Sede: R. Pinheiro de Oliveira — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Sede: Rua Luz Sarrilho, 67 — Telex: 328291/5 (P. P. C. A.) — 328291-34630-34639 (Redacção) — 328297 (Publicidade)

Às 18 e 15 DUZENTOS MORTOS — BALANÇO OFICIAL DA TRAGÉDIA

Segundo números apurados oficialmente, às 18 e 15 o balanço trágico do temporal que assolou Lisboa e os arredores cifrava-se em 200 mortos.

Noite de tragédia e de medo, de sangue e de morte. Noite de frimento para muitas famílias. Noite de luto para todos nós. Foram as enxurra-

das que esventiram casas, reduziram ocupantes ao desamparo; foram as súbitas derrocadas, abafando gritos lancinantes de vítimas apavoradas;

foram as intermináveis esperas, no desconforto e no receio dos veículos inundados, dos comboios retidos. E, a culminar o drama que se pulou centenas de seres humanos, a nota de

pânico indizível que as explosões no paiol do Carrascal causaram.

(Reportagem nas páginas 8, 10, 11, 12, 13 e 16)



Nas máscaras vincadas pelo desespero está bem patente a tragédia que enlutou a sacrificada Odivelas

OS PRESIDENTES DA REPÚBLICA E DO CONSELHO ao corrente da situação

Durante toda a manhã, na sua residência particular, o sr. Almirante Américo Tomás foi acompanhando o desenrolar dos acontecimentos e procurou inteirar-se da dimensão da tragédia, mantendo-se em contacto permanente com o ministro do Interior. Grande-mente consternado pela brutalidade da tragédia, é intenção do Chefe do Estado deslocar-se a alguns dos locais mais duramente atingidos. Também o sr. Presidente do Conselho foi mantido a par dos acontecimentos pelos serviços de informação do gabinete do ministro do Interior, e trocou impressões com o sr.

Almirante Américo Tomás sobre a grandeza e repercussão da catástrofe.

GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA

Para tratar de problemas relacionados com a administração de Angola e o seu progresso, chegou esta manhã a Lisboa, de avião, o coronel Rebocho Vaz, governador-geral daquela província.

No Aeroporto teve afectuosa recepção por parte de dezenas de individualidades civis e militares, destacando-se os representantes dos ministros do Interior, da Marinha e do Ultramar; generais Luz Cunha e Fernando de Oliveira, este último comandante-geral da P. S. P.; coronel Silvino Silvério Marques, antigo governador-geral daquela província, etc.

ALHANDRA: Dezoito vítimas

Alhandra foi uma das terras em que o temporal deixou assinalada, de forma pavorosa, a sua destruidora passagem. E maiores proporções, certamente, registaria se não fora a presença de um comboio de mercadorias (n.º 184, que partira de Entroncamento com destino a Santa Apolónia, onde devia chegar às 14h da madrugada), o qual, tendo parado minutos antes à distância regula-

• Um comboio de mercadorias parado na via férrea poupou a vila a uma tragédia maior

mentar das agulhas, aguardando o sinal de avançar para a estação,

serviu de parapeito à gigantesca enxurrada, a cujo ímpeto nada até então havia resistido e que caiu de súbito sobre a sacrificada terra.

Água, que consigo trazia, num pandemónio, destroços de casas que havia arrasado, tonéis, tambo-

res vazios e cheios, mercadorias diversas, toda a espécie de objectos, mobiliário, colchões, automóveis e, pior ainda, para agravar a tragédia, diversos corpos de pessoas que, na sua passagem, havia surpreendido ou arrebatado dos lares e das próprias camas, tirando-lhes a vida e levando-as na torrente.

Impressionante depoimento dos tripulantes do comboio 184

«Foi um alucinante pesadelo que jamais poderemos esquecer» — disseram-nos, em palavras mais ou menos idênticas, o maquinista do

(Continua na 16.ª pág.)

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

3.ª tiragem

Hoje: 36 páginas

15.ª: * BULGARIA, 1-PORTUGAL, 0 * TOTOBOLA

APÓS UMA NOITE DE TEMPESTADE INCÊNDIO E EXPLOÇÃO NO PAIOL DO CARRASCAL

O violento estrondo despertou Lisboa
Apenas feridos sem gravidade

As 7 e 20 de hoje uma explosão sacudiu o paiol subterrâneo do Carrascal. Explicação do primeiro-sargento: «Foi originada por combustão química com a água». O paiol está instalado nos altos morros da zona de Linda-a-Velha e sabe-se que se guardam lá grandes quantidades de munições de toda a ordem. Tradicionalmente, um destacamento faz a guarda e um dispositivo de segurança (que nos disseram ser dos mais modernos, ao nível dos que os americanos têm no Vietname) permite, em caso de perigo, neutralizar ameaças de tragédia em escassos minutos. Ontem, a vigilância era feita por cerca de trinta soldados, sob o comando do referido primeiro-sargento.

Cordões de prevenção impediram o acesso de civis à zona perigosa

O estrondo da explosão foi tão violento que a cidade, já sobressaltada pe-

Certina-DS o relógio mais forte do mundo



Procura um relógio em que possa confiar em todas as circunstâncias? Visite um Agente Certina e ele lhe revelará: o incomparável Certina-DS.

Certina-DS resiste a choques e nenhum outro relógio pode suportar. Seu segredo: a sua esquadra flutuante — revolucionário sistema de protecção — que assegura precisão e resistência notavelmente superiores às normas usuais de controlo.

Certina-DS uma revelação em elegância, precisão e resistência.

lo temporal, despertou em situação de alarme. Mesmo nas povoações da outra margem o eco foi ouvido.

As autoridades militares solicitaram, rapidamente, a presença da P. V. T. e da Polícia Militar. Foram estabelecidos cordões de prevenção à entrada do Viaduto Duarte Pacheco, nas encruzilhadas de Montes Claros, de Caselas, de Algés e de Carcavelos, na área em que a Marginal conflui para a auto-estrada. Os civis eram proibidos de passar na área que as autoridades, apesar das medidas urgentemente tomadas, ainda consideravam ser de intenso perigo.

A evacuação de Alto de Barrinhos

O paiol fica a cerca de 200 metros da parte Norte de Linda-a-Velha, onde estão instaladas cerca de trzentas vivendas. A Nordeste, num sítio conhecido pela designação de Alto de Barrinhos, com mais de 500 casas humildes, onde residem para cima de três mil pessoas. Esse abarrocamento não está a mais de cem metros do paiol. Próximo das 8 horas da manhã, as autoridades deram ordem de evacuação geral aos habitantes daquelas duas zonas. Os moradores das vivendas deslocaram-se, imediatamente, para casas de familiares, enquanto os locatários, em grupos numerosos, caminharam, em silêncio, transportando filhos pequenos ao colo, ou haveres mais preciosos, pelos trilhos lamacentos das encostas, até uma paragem da auto-estrada (próximo do bairro de Caselas) onde já não havia perigo.

O rebenatamento de detonadores deu motivo ao primeiro alarme

Os primeiros sinais de que algo de estra-

nho ocorria no paiol registaram-se cerca das 4 horas da manhã. Os modestos habitantes do Alto de Barrinhos e alguns locatários das vivendas de Linda-a-Velha acordaram devido ao ruído de explosões continuas. Soube-se,

paíol, entretanto, trabalhava-se afanosamente para se limitar a expansão do incêndio e evitar a sua propagação a outro material de guerra.

Não obstante, um dos moradores, José Pedro, despertou com o barulho seco das explosões, foi imediatamente acordar os vizinhos que repousavam tranquilamente. Numerosos alentejanos que ali residem foram os primeiros a abandonar o Alto de Barrinhos, quatro horas antes de as autoridades

sangrenta tragédia. No subterrâneo, entretanto, a luta para dominar o fogo continuava. E as pessoas em êxodo começaram a ver surgir, por entre as altas colinas, densas colunas de fumo...

Alarmadas fugiram também de suas casas pessoas de Caselas e Algés de Cima

Ao que parece foi o fumo surgido nas colinas altas e, também, o inesperado movimento de pessoas, a caminhar na madrugada que suscitaram o alarme nas diversas povoações circunvizinhas. Aos poucos, uns e outros iam acordando, sur-

lômetros e, mesmo, prédios em Algés de Cima. Prejuízos de muitos milhares de contos, foi a primeira estimativa.

O ministro do Exército, o governador militar de Lisboa e o chefe do Estado-Maior, entre outras altas entidades, estiveram nos locais, e inspeccionaram os estragos, que, como dissemos, foram extremamente voluminosos. As 11 horas da manhã ainda saíam nuvens de fumo do paiol e o dispositivo de segurança mantinha-se.

Feridos sem gravidade dez pessoas devido a estilhaços de granadas

Devido a estilhaços de granadas sofreram ferimentos sem gravidade, sendo transportados ao Hospital de S. José, Manuel de Jesus Luis Pereira Provedor, de 25 anos, morador na Baixa da Banheira, rua 8-A, n.º 2, 1.º, dt.º; Felisberto dos Santos Figueiredo, de 27 anos, morador na avenida da Torre de Belém, 21; Albano Correia Jorge, de 29 anos, residente na Charneca da Caparica,



Alguns moradores da zona próxima ao paiol do Carrascal, não encontrando outro abrigo, passaram as primeiras horas da manhã ao ar livre, na esperança de poderem voltar a ocupar as suas residências

posteriormente, que haviam rebenatado numerosos detonadores, devido a um incêndio registado num dos armazéns de material de guerra. Os bombeiros haviam já sido chamados, e o primeiro-sargento, de comando, fizera funcionar o dispositivo de segurança do paiol. Mas tudo se passava com extrema prudência, a fim de se evitar o pânico. De resto, como as explosões eram subterráneas e, portanto, atenuado o seu fragor, o sobressalto inicial não chegou a atingir proporções elevadas. No

darem, realmente, ordem de evacuação.

A violência das explosões determinou a fuga dos moradores das vizinhanças

As explosões, nessa intermitência, registando-se cada vez com mais frequência. Vidros iam estalando, numa vasta área de Linda-a-Velha, e nas casas, os tectos improvisados de telhados iam-se desmantelando. O medo apodraseu, então, dos habitantes do Alto de Barrinhos. A certa altura, como os estilhaços de vidros, os pedregulhos de madeirame velho voavam em todas as direcções, a fuga fez-se com todas as emuldas. Ressejando na lama, rasgando os joelhos e os cotovelos nas pedras, com as laces junto ao chão, centenas de pessoas tentavam escapar ao que consideravam ir transformar-se numa

glam às janelas, interrogavam-se. Os mais assustados decidiram, igualmente, engrossar as colunas de fugitivos. Assim, centenas de pessoas abandonaram as suas casas em Algés de Cima, Portela, Outorela, Caselas, concentrando-se, em grupos densos, pela auto-estrada ou recolhendo-se nas residências de parentes. As horas iam decorrendo. As explosões, intermitentes, iam sucedendo — mas apenas audíveis para quem morava perto.

Ordem oficial de evacuação!

Foi então que, às 7 e 20, se registou o grande estrondo.

A cidade inteira ouviu-o, assim como (e já em cima referimos) as localidades da outra margem. Um dos maiores armazéns do paiol explodira. E, a partir daí, o perigo agravou-se. As autoridades, então, deram ordem oficial de evacuação, sobretudo às pessoas que residiam numa área circular de um quilómetro.

A grande explosão danificou, parcialmente, as fábricas «Fanta» e «Tofa», todos os telhados e vidros de Linda-a-Velha, numa zona de mais de dois quil-

metros de raio. Os moradores em Linda-a-Velha; Maria das Anjos Serra Alegrete Frutos, de 36 anos, moradora na rua Eng.º José Frederico Ulrich, 45, em Linda-a-Velha; João José Paixão, de 22 anos, soldado 734, de Zebraira, Idanha-a-Nova, motorista do automóvel do chefe do Estado-Maior, coronel Naveis e Silva; e José Ferreira Araújo, de 37 anos, morador na rua Sacedura Cabral, 73-A, em Carnaxide, bombeiro voluntário da corporação do Dafundo; e Américo Falgado Ramalheira, de 36 anos, residente na rua 5, 2.º, dt.º, no Bairro Pedralvas, sapador bombeiro motorista n.º 486.

Uma nota do Governo Militar de Lisboa

Com o pedido de publicação, recebemos, do Governo Militar de Lisboa, a seguinte nota: «Ao princípio da noite de ontem, começaram a chegar ao Quartel General do Governo Militar de Lisboa, diversas notícias de acidentes e interrupções de trânsito na área da capital e arredores, com frequência. A medida que a noite ia avançando, não só pela quantidade de ocorrências que se verificavam, (Continua no 12.º pag.)

ANDARES

Em prédio de grande volume acabado de construir, em muito bom local de Lisboa, junto de todos os transportes, composto de 8 casas azeiteiras, hall, coz., desp., roup. e 3 casas de banho, c/ loiças de cor, azulejos decorativos, madeiras de cor, caixilharia toda em alumínio, aquecimento eléctrico em todas as casas, etc. Mostram-se todos os dias no local. Largo Frei Luís de Sousa, Lote n.º 1100, cruzamento da Av. de Roma com Av. da Igreja, Lisboa, e trata telefone 53 61 11.

MÓVEIS (FABRICANTES)

EM TODOS OS ESTILOS PRESTAÇÕES ATÉ 24 MESES MÓVEIS TABORDA, LDA. R. Maria, 48-C, ruas Anjos, Tel. 83 93 11

ÀS 15 HORAS: Notícias da Capital e Província

VINTE CADÁVERES NO NECROTÉRIO E DOZE NO HOSPITAL DE SANTA MARIA

• SOCORRIDOS MUITOS SINISTRADOS QUE ESTAVAM À BEIRA DA MORTE

Foi incessante a actividade nos hospitais de Lisboa, em especial nos de S. José e de Santa Maria, onde, a partir das primeiras horas da noite e pela madrugada

da adiante, chegaram mortos e feridos transportados dos mais diversos locais.

UM MORTO E DOIS FERIDOS na Quinta das Minhocas

A Quinta das Minhocas, situada ao fundo da rua Filipe da Mata, a meio caminho entre o Rego e o Parque das Laranjeiras, não se distingue dos outros bairros pobres da cidade.

Alguns moradores da Quinta, no desejo de tornarem menos expostas, mais seguras, as suas casas, ergueram-nas arimadas a um muro. Uma dessas famílias, na dramática noite de ontem pagou bem cara a ilusão: tornados muito mais pesados pela água que necessariamente se infiltrava, as terras do outro lado do muro e por este contidos foram aumentando a sua pressão — até que o fraco e velho anteparo se desmoronou para cima da sua humilde habitação, cerca da meia-noite.

Viviam nela sete pessoas: o ferrentemente desempregado Manuel Correia, de 53 anos, sua mulher, Hermínia Augusta, de 51, quatro dos oito filhos do casal — António, de 22 anos, Maria Alzira, de 11, Maria da Conceição, de 10 e Manuel Augusto, de 7 — e, ainda, o sogro do primeiro, Manuel de Almeida, de 76 anos, inválido.

Da casa, reduzida a escombros, nada ficou. Dos seus moradores, o pequeno Manuel Augusto falecera já, sufocado sob a terra, quando os bombeiros o retiraram da enxerga em que dormia na altura do alimento; a mãe e o filho mais velho, António, que está na tropa e veio passar uma licença com a família, foram para o hospital (a primeira, depois de tratada, regressou já à Quinta); os restantes, miraculosamente salvos, com mais ou menos escoriações pelo corpo, contemplavam hoje de manhã, abatidos pela desgraça, os escombros da casa e choravam a criança morta.

No Instituto de Medicina Legal, onde se encontra desde manhã o seu director, dr. Arsénio Nunes, que observou todos os cadáveres, dearam entrada, até às 14 horas, vinte corpos, alguns deles ainda por identificar.

Nas inundações em Caxias, onde as águas das chuvas invadiram várias habitações e atingiram a grande altura, morreram agorados em casa António Carvalho Catarino, de 28 anos, sua mãe, Maria da Senhora de Carvalho, de 52 anos, casada com Joaquim Catarino, ambos naturais de

Vale Prazeres, Fundão, e o filho do primeiro, Augusto Dantas Catarino, de 3 anos, tendo-se salvo sua mulher, todos moradores na rua Croft de Moura, 4-A; e, em Algés, morreram, também, afogados nas residências, Maria Luísa Rodrigues Brás, de 40 anos, empregada de escritório, moradora na rua Luis de Camões, lote 7, cave do, e João Pola, de 70 anos, guarda aposentado da P. S. P., que residia na rua General Vicente de Freitas, 15, cave, esq. Igualmente encontrou a

morte José Gonçalves Afonso, de 29 anos, que habitava numa pedreira em Paço de Arcos, constando que uma mulher, que também ali pernoitava, mas cuja identidade se ignora, teria morrido.

No Hospital de S. José dearam também entrada os cadáveres de Fernando Maria Ernesto Alves, de 4 anos, filho de Joaquim Maria Alves e de Maria do Rosário Luísa Ernesto, que morreu afogado próximo da residência, na quinta da Branda, rua H, lote 207, 1.º, do; e Maria de Lurdes Almeida Dias, de

e cujas identidades se ignoram, foram encontradas a boiar, já mortas, no rio Jamor, na Cruz Quebrada, tendo os cadáveres sido levados para S. José e dali removidos para o Necrotério.

Os últimos corpos que para ali foram levados são duas memores, uma ainda por identificar, e outra, Maria Graça Bolo Pinto, de 8 anos, filha de Manuel Pinto e de Carolina Pinto, residentes na estrada das Fontainhas, Terceira, Barcarena; de Maria Sofia Viana, de 21 anos, que residia também no mesmo local; e Brás Carapinha e sua mulher Catarina Carapinha, estes moradores em Píntas, Loures.

Na casa mortuária do Hospital de Santa Maria estão depositados doze mortos, que serão transportados para o Necrotério.

É possível que, conhecidas as causas da morte de todos os indivíduos transportados para o Necrotério vítimas das inundações, não sejam os corpos entossados, mas o director terá de aguardar autorização ministerial para dispensar aquela operação.

Salvos pelos bombeiros ou pelos vizinhos

No Hospital de S. José foram socorridos, por terem ali entrado em estado de alvices, Maria de Lurdes Ambrósio Rodrigues, de 19 anos, que bitava sózinha uma barraca da travessa do Olivai, 8, à Branda, que foi arrastada pelas águas e salva pelos bombeiros voluntários da Amadora, e Catarina Cândida Coelho, de 35 anos, moradora na rua Luis de Camões, S. G. 1.º, dt.º, em Algés, que foi salva quando lá boiava, sem sentidos, em sua casa e estava ferida por estilhaços de vidros de uma janela. Também recebeu curativo, Ruth Maria Baltasar das Neves, de 24 anos, que se feriu nos vidros de uma janela, por onde conseguiu fugir de casa, na rua 1.º de Maio, 19, rés-do-chão, no Dafundo.

Igualmente foram tratados naquele hospital Maria Isabel Alves, de 25 anos, e seus filhos gémeos de 2 anos, João Alfredo e Alvaro, que foram atingidos pelo desabamento da sua habitação, na Ribeira da Laje, em Oeiras.

O proprietário do restaurante «A Cartuxa», em Caxias, que ficou destruído pela enxurrada, Fernando Lima Agostinho, de 35 anos, conseguiu salvar uns vizinhos que habitavam numa cave, mas foi, depois, arrastado pela água, conseguindo agarrar-se a uma árvore. Quando estava naquela posição há mais de uma hora e já sem forças para aguentar, com água até ao pescoço, foi salvo por outras pessoas, sendo, também, levado para o hospital de S. José.



Brigadas de populares trabalharam abnegadamente para retirar as vítimas do desabamento na Quinta das Minhocas



GRANDE CAMPANHA DO OUTONO

CONSULTEM OS CONCESSIONÁRIOS FORD

LINCURI
AV. REPÚBLICA, 32

STAND MODERNO
RUA JOÃO SARAIVA, 15
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15

LISBOA

De um gosto ao seu gosto com SICAL

GERENTE PARA AGÊNCIA DE NAVEGAÇÃO

Organização Internacional de Navegação necessita para escritório do ramo em Angola de um gerente e sub-gerente, possuindo bastante experiência em navegação e trânsito, com a idade de 30 a 45 anos.

Exigem-se perfeitos conhecimentos da língua inglesa. Condições vantajosas, incluindo férias regulares na Metrópole.

Escrever para Caixa Postal 2738 — LUANDA — ANGOLA.

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2

TELEF. 369384

DINHEIRO
SOBRE
PROPRIEDADES
EMPRESTA-SE
Tratar no Rossio, 3, 2.º
LISBOA

**TELEVISORES
RADIOLAR**
EM ALMADA
VENDE MAIS BARATO
Desconto de 25 a 30%

NOITE DE TRAGÉDIA EM LISBOA E NOS ARREDORES

AO LONGO DA RIBEIRA DO JAMOR

Espectáculo dantesco: a ribeira do Jamor, num caminhar infernal, entre Belas e Casias levou tudo à sua frente. Fez abater dois prédios em Queluz, destruiu dezenas de habitações, esmagou mais de uma centena de automóveis e causou dez vítimas — todas identificadas pelos nossos repórteres, que descrevem aquela área como um local onde passou a morte.

Um pavor: quatro mortos e uma mulher suspensa de uma árvore

Pouco adiante da estação de Queluz-Belas, deu-se uma das grandes tragédias da pavorosa noite de ontem. Nas traseiras dos prédios que margeiam a avenida Miguel Bombarda, erguia-se uma casa modesta, onde vivia uma família: Lídio Simão da Silva, de 26 anos, electricista; sua mulher, Natália, de 26 anos, doméstica; a mãe desta, Fortunata da Conceição Ribeiro, de 46 anos; a sogra, Laura Gertrudes Simões; e um filhinho do casal, Emmanuel de Jesus da Silva Ribeiro, de 7 anos.

TRESPASSA-SE

O Restaurante Esplanada de Portimão, a melhor casa da sua categoria no Algarve, com ou sem os seus anexos.

COMPRO

Austin, Morris 850 ou Anglia, pag. 2.900\$80 por mês, s/ entrada inicial.
Resposta ao Largo de S. Domingos, 3, ao N.º 2017.

Lídio Simão da Silva é agora um farrapo: ninguém sabe onde pára. Perdeu, na noite horrorosa, toda a sua família.

A porta de casa, cobertos com lençóis, os corpos de Laura Gertrudes e Fortunata da Conceição. O pobre Emmanuel foi encontrado, pelas 9 horas, junto do Palácio Nacional de Queluz, praticamente irreconhecível.

O corpo, levado pela enxurrada, apareceu a mais de três quilómetros da casa atingida pela cheia. Em volta desta, os vizinhos procuram recuperar alguns haveres: uma máquina de costura, camisas, utensílios de cozinha.

Mais um filho que fica sem os pais: as águas arrastaram-nos para longe

A mesma ribeira, alguns metros acima, ainda em plena vila de Queluz, causou mais duas vítimas: Adriano Salvador, de 45 anos, empregado numa casa de fotografia e sua mulher, Maria do Rosário, de 45 anos, doméstica. Viriam numa pobre casa junto ao ribeiro. Tinham um filho, António Martins do Rosário, de 27 anos, pedreiro. Este havia ido ao cinema. Quando regressou, a tragédia tinha-lhe levado os pais. O corpo da mãe apareceu a uns trezentos metros, suspenso também de uma árvore. O corpo de Adriano Salvador apareceu também distante da casa.

Uma criança de 4 anos e outra de 4 meses levadas na enxurrada

Os nossos repórteres continuam a sua ronda trágica. A todo o momento chegam notícias de mais mortos, de pais que procuram os filhos. As crianças foram as grandes vítimas. Ao longo da estrada que conduz a Belas, vêm-se

causas, móveis, aparelhos de televisão — tudo devastado pelas águas destruidoras.

Por vezes, são os próprios pais que confirmam que dizem a última palavra: «Sim, a minha filha morreu. Foi o que aconteceu no largo de Careque, onde encontramos Fernando Afonso, de 40 anos, casado com Maria Augusta da Costa, de 35, que nos disse, numa voz pesada e ainda aturdido pela tragédia:

— Perdimos a nossa filha. Tinha 4 meses. Era a Maria do Rosário. As águas chegaram sem darmos por isso.

Quando corremos para o quarto, a Maria do Rosário já lá não estava.

No mesmo local, também habitando numa humilde casa junto à ribeira, morreu outra criança: Anabela Ferrão, de 4 anos, filha de Artur Ferrão, de 30, empregado na Companhia do Gás e Electricidade.

APARITE
CORTAMOS A MEDIDA.
Telef. 383433

casado com Maria Luísa Ferreira da Silva, de 27 anos. Os pais não conseguiram salvar a Anabela. A mãe, recolhida em casa de uma vizinha, fechou-se porque não quer ver ninguém.

Um bombeiro: «Vi os cadáveres de dois homens arrastados pela corrente»

A extensão da tragédia não se pode determinar. De todo o lado chegam notícias de perdidas, de pessoas desaparecidas. Nas estradas vêem-se dezenas de carros abandonados, outros esmagados contra as árvores. Os muros a sul do Palácio de Queluz foram destruídos e encontram-se estátuas de mármore que a corrente arrastou.

Em Monsanto encontramos famílias inteiras recolhidas sob as árvores com as mães aconchegando os filhos enregelados por terem estado toda a noite à chuva e ao frio.

Mais duas vítimas: uma criança de 8 anos e uma rapariga de 22

O volume da tragédia na foz da ribeira do Jamor acentua-se a todo o momento. Confirmam-se mais duas mortes: uma criança de 8 anos e uma rapariga de 22, cujos ca-

dáveres apareceram, também pendurados nas árvores. Viviam na quinta das Fontainhas, em casas humildes, junto à ribeira. Tratou-se de Maria Sofia Monteiro Viana, rapariga na fábrica da Pólvora que era o único amparo da mãe, que conseguia adiar-se; e a menor Carolina Rolo Pinto, que vivia com os pais.

16 famílias sem lar em Queluz — e 4 mortos na derrocada de um prédio

A mesma ribeira do Jamor, durante a noite infernal de ontem, atingiu duramente Queluz. Após a linha férrea, as águas minaram, não apenas, um prédio construído recentemente, com quatro andares, e que ruíu. Quatro dos seus inquilinos, que se aconchegaram no tecto, dirá-lo, perderam a vida; apenas se salvaram Fernando Alves Ribeiro, de 40 anos, carteiro; e sua mulher, Violeta de Sousa Pereira Ribeiro, de 39. Morreram sob os escombros, tendo os corpos sido transportados ao hospital; os pais de Violeta de Sousa, José Pereira, de 70 anos, e Cecília de Jesus Pereira, de 65; uma netinha destas, Ana Custódia Alves, de 20 meses, que estava, no momento da tragédia, ao colo da avó; e um filho do casal, Mário Cecílio Sousa Neves, de 14 anos.

Os restantes inquilinos do prédio — sete famílias — salvaram-se todos, alguns deles depois de lutarem com as águas e de fugirem às garras da tragédia.

Também em Queluz, na praça de Pedroso Pimenta, ruíram completamente as traseiras do prédio n.º 2, onde viviam oito famílias. Salvaram-se todos no último instante, graças ao aviso providencial de um vizinho, Belmiro de Lemos, que, ao sentir de ver a aproximação da TV, se apercebeu do perigo que o prédio corria. Daí a instantes, as paredes caíram e arrastaram consigo tudo quanto encontraram.

COMO OBTÉR
GRATUITAMENTE
UM FRIGORÍFICO
sem sorteios e, simultaneamente,
outros valiosos brindes?
BASTA QUE COMPRE OU INDIQUE
CLIENTES PARA ELECTRODOMÉSTICOS

PHILIPS

A
CASA FIGUEIROA
— LISBOA —
Rua Macau, 8-B — Telef. 84 78 35 - 83 25 56
— AMADORA —
Rua Elias Garcia, 267-C — Telef. 93 05 63

as maiores facilidades
SEM FIADOR
e sem entrada inicial
descontos excepcionais a
PRONTO PAGAMENTO

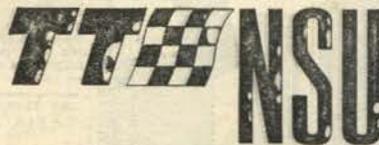
EMPRÉSTIMO
DE CAPITAIS
COM AVAL BANCÁRIO

Responda a este jornal
ao N.º 3131

AUTO EDUARDO COSTA, LDA.

RUA DE CAMPOLIDE, n.º 27-A-B — Telef. 687615-685080-685081 — LISBOA

- * A MAIS MODERNA E COMPLETA ORGANIZAÇÃO CONCESSIONARIA DA REPUTADA MARCA
- * AS MAIORES INSTALAÇÕES DE LISBOA



STAND:

- EXPOSIÇÃO E VENDA DE CARROS NOVOS E USADOS
- GRANDES FACILIDADES DE TROCA E PAGAMENTO

— * * —

OFICINAS e ESTAÇÃO DE SERVIÇO:

- EQUIPADOS COM A MAIS ACTUALIZADA MAQUINARIA
- PESSOAL ESPECIALIZADO
- ASSISTENCIA RÁPIDA E GARANTIDA
- PREÇOS TABELADOS



EXPOSIÇÃO PERMANENTE NOS DIAS 27, 28 e 29

Drama entre Loures e Olival Basto: destruída a existência calma de uma região de trabalho

Mesmo para os olhos habituados ao espectáculo da morte, as cenas de tragédia escura que esta manhã contemplámos, no percurso de poucos quilómetros entre Olival Basto e a Várzea de Loures — a zona mais atingida pela enchurrada de ontem —, possuíam o cunho do dramático capricho que nada pode deter, do mal irreversível contra o qual só pode obstar a fatal resignação humana. Nem todos os mortos inchados e envoltos em sua mortalha de lã, nem as posições estranhas das corpos sem vida, são mais dolorosas e angustiantes do que a força incontrolável que transformou, deteriorou, destruiu a existência calma de uma região de trabalho.

«Durante mais de uma hora o homem esteve agarrado ao poste de electricidade. Gritava, a principio com muita força, para o fim do fim. Pedia que lhe dessem uma corda, que lhe dessem uma corda, que lhe dessem uma corda. A água lá subindo, cobriu-lhe a principio os pés, subiu depois até à cintura. O homem não parava de gritar, e todos o vimos apertar muito os braços quando a água lhe chegou ao pescoço. Mas não a tapar-lhe a cabeça; antes disso o rosto desabou, e o homem lá desapareceu, arrastado pela água, sempre a gritar. Não o distinguimos, mas ainda se ouvia gritar».

As histórias sucedem-se, assim, gritadas por pessoas desesperadas que ainda não pararam de gritar, que tão cedo não deixarão de apelar, mas, na verdade, recusam-se a crer até ao momento em que contemplamos a primeira imagem da tragédia: a ambulância do 115 recolhe duas crianças — mais duas, ainda — que apareceram pelas entre horas da manhã —, enquanto as águas arrotam sem cessar.

E mais adiante fazem-nos sair para parar: a indizível magnitude da tragédia está ali mesmo, à beira da estrada, sobre o passeio: duas mulheres jovens, desgrenhadas, desajustadas pela mesma água negra que lhes causou a morte. Têm os olhos arregalados e parecem calmas — uma água que desmente a morte silenciosa que as colheu de sur-

presa. A volta, a multidão debate-se e clama:

«Começámos a pedir socorro da dez da noite, para toda a parte, mas ninguém fez nada, ninguém podia fazer nada. As águas vieram, subiram três metros e numa fracção de segundo cobriram todas as habitações e casas velhas que la deixam a estrada e todas essas ribeiras. Falámos para a Emissora, mas de lá disseram-nos que não podiam interromper a emissão, tem sequer correr o risco de alarmar o País...»

Pelo caminho, as próprias viaturas dos bombeiros inutilizadas pela lama e pelas águas, inoperantes. A nossa atenção multiplica-se, para ver e ouvir:

«Às 11 horas da noite abri a porta e entrou-me em casa

MILHARES DE TELEFONES AVARIADOS A NORTE DO TEJO

A violência do temporal prejudicou gravemente as comunicações telefónicas. Quase toda a área a norte do Tejo teve milhares de telefones avariados. Assim, nas centrais de Póvoa de Santa Iria, Alverca e Alhandra não foi possível comunicar durante o dia. Zonas também muito prejudicadas: Loures e Odivelas, Barcarena, Bucelas, Tojal e Carnaxide. Não é possível, por ora, calcular quantos telefones sofreram avarias, mas um informador da A. P. T. disse-nos que o seu número era inferior ao montante vindo a público esta manhã. Pessoal da Companhia está a trabalhar intensamente para remediar a situação nas áreas já referidas e, embora não se saiba quando se normaliza a situação, serão postos em condições os telefones de mais urgência: de corporações de bombeiros, médicos, autoridades, etc.

Quanto às linhas dos C. T. T. registaram-se menos avarias, não havendo graves anomalias a registar. Decorre um trabalho intenso, também por parte deste sector, para eliminar os contratempos surgidos.

um porco, apavorado. Os animais também morreram, as crianças, e os que se salvaram erravam pelos campos, cheios de medo.

Trágico espectáculo

Chegamos à ponte de Frieles no momento em que retiram do interior de uma toberna, pertencente a Manuel Mota, o cadáver de uma menina de três anos: era filha de um freguês que ali estava, à hora do ensarado, e ver televisão. Também ali encontramos e morte uma mulher de oitenta anos, Maria do Fideolo Mota, familiar dos donos do estabelecimento, e um homem cuja identidade se desconhece, trabalhando na ICESA.

Mas a morte entrou também noutra casa junto à ponte de Frieles, para roubar a vida de duas irmãs: Maria José, de 18 anos, e Filomena Ferreira Restelo, de 4. E morreu ainda uma mulher idosa na mesma povoação, que se sabe apenas chamar-se Bárbara.

A estrada de alcátraz, recentemente reparada, desapareceu sob uma cortina espessa de lama.

À margem dos estrados, às vezes a centenas de metros de distância, entre as vinhas, espalhados como árvores, há um número sem conta de automóveis. E ninguém sabe se dentro deles haverá pessoas — hipótese mais que provável, atendendo à surpresa com que a maior parte dos automobilistas foram apanhados pela enchurrada.

Surgiu-nos ao caminho o director do Externato Caravela, em Olival Basto, dr. Álvaro António dos Santos. Mais do que a insónia de uma noite, a sua cara traduz a angústia da sua própria situação:

«Estivo desgraçado. As águas destruíram-me o colégio. Pedi socorro toda a noite, mas ninguém me pode acudir».

A estrada é apenas um traço de lama, onde avultam os mais inesperados destroços: pedregulhos, bidões de gasóleo, tabuás, galinhas mortas, canídeos. Ouvem-se gritos, mas não é possível saber donde vêm. Um automóvel foi parar a um quilatal e está debaixo de uma figueira; e mais adiante, em estranha e proteccionista posição, um veículo encauillado sobre uma bomba de gasolina.

Antes da Póvoa de Santa Adriaõ depará-se-nos uma imagem de exódo: uma mulher jovem, estampada no rosto a calma esperada que se segue à grande tragédia, aguarda, nem ela sabe o quê, com os magros pertences que lhe foi possível salvar; veio de

longe, de Freiria dos Chapeus, e pertencera a um rancho que andava na apanha da zeolita. Salvou-se, mas não conhece o paradeiro das suas companheiras. Como muitas outras pessoas, elas também desapareceram — irão talvez aparecer, mais hora menos hora, mais dia menos dia, na lama ou nas águas que cobrem toda a várzea em redor.

Três crianças — únicos sobreviventes de uma família de onze pessoas

Na casa modesta de uma quinta da Póvoa de Santa

Adriaõ, recebeu-nos um garoto de treze anos, único sobrevivente, com mais duas irmãs de uma família de onze pessoas. No rosto, nem dor nem amargura — apenas um tanto incredulo. Mal consegue falar, e só articula palavras as instâncias frias do jornalista, na casa estão ainda os cadáveres do pai, Adelino Ferreira Garrido, de 43 anos, sua mulher, Amélia Silva Ribeiro, de 35 anos, e cinco filhos do casal: Adelino, de 10 anos, Fátima, de 9; António, de 7, Jorge, de 2, e Filomena, de 5. Mas a morte também é tragicamente irónica: morreu na mesma casa um irmão do pai, Cândido Ferreira Garrido, de 37 anos, parralítico, que ontem mesmo tivera alta do Hospital dos Capuchos.

Da família de onze pessoas salvaram-se, assim, o jovem João Ribeiro Garrido, de 13 anos, que conseguiu sair pela janela, e duas irmãs mais jo-

quando viu as águas inundarem a casa. Fugiu e foi arrastada pelas águas. Eu cheguei mais tarde a casa e consegui salvar os meus pais por um buraco feito no telhado.

Desconhecem-se as circunstâncias em que morreu a jovem Sofia, mas presume-se que tenha tentado fugir da casa prestes a ser destruída pelas águas e fosse arrastada pela corrente.

Nos campos há vestígios da destruição que as águas furiosas da ribeira de Barcarena provocaram no seu caminho: restos de mobília, fogões, aparelhos de telefonia.

Dexenas de casas destruídas em Linda-a-Pastora

Segundo nos informou G. N. R. de Barcarena, as águas fizeram muitas estragos na zona de Linda-a-Pastora. Mormente no lugar da Senhora da Rocha, muitas dezenas de casas foram arrastadas pelas águas e centenas de pessoas ficaram sem lar e sem haveres. Não é possível saber exactamente se há vítimas, pois famílias procuram parentes que não tinham regressado a casa à hora do temporal.

Dois mulheres afogadas

No Hospital de Santa Maria deram entrada os cadáveres

de duas mulheres, ainda não identificadas, que morreram asfogaadas em Olival Basto.

Passageiros dormiram em carros bloqueados

A enchurrada atingiu, em Benfica, mais de metro e meio de altura. Impossibilitados de abandonar os veículos que haviam ficado bloqueados pelo volume das águas, muitos passageiros adormeceram nos carros, que só começaram a poder movimentar-se às 6 horas.

Carro suspenso sobre uma encosta

Na estrada do Calhariz de Benfica, devido a erro cometido pela manobra do passageiro, que faz supor a existência de um desvio, um carro ficou suspenso sobre a encosta.

Os ocupantes conseguiram, porém, sair do veículo, não sofrendo mais do que o susto.

A esquadra de Benfica inundada

A esquadra da P. S. P. de Benfica sofreu também as consequências das inundações, tendo de ser encerrada. O chefe da esquadra viu-se forçado a andar mais de 200 metros com água até à cintura para a atingir, às 5 horas da madrugada.

«NATAL DO SOLDADO»

Por absoluta falta de espaço, não nos é possível publicar hoje a notícia e a lista de donativos do «Natal do Soldado», a patriótica campanha patrocinada pelo «Diário Popular».

NECROLOGIA

CARLOS GOMES DA COSTA

Por alma do sr. Carlos Gomes da Costa, sua viúva e os filhos mandam celebrar missa de 30^o dia, no altar-mor da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, no próximo dia 29, às 12 e 30.

JOAO GUIMARAES ROSA

A Embaixada do Brasil manda celebrar missa, amanhã, às 12 horas, na Igreja do Loreto, por alma do grande escritor João Guimarães Rosa, recentemente falecido.



Fuzilheiros navais desenvolveram, incansavelmente, durante horas, um esforço sobre-humano, salvando vidas

AGENCIA SAU ADO

«Aqui, o carro, o veículo, a máquina, a moto, o automóvel, o patinete»

A MAIS ORGANIZADA

TELEFONES: 27149/27021 - ALMADA, 27011

NOITE DE TRAGÉDIA EM LISBOA E NOS ARREDORES

Submerso pela lama e lugar de Quintas onde se registaram dezenas de mortos

Quintas, povoação que fica a Norte de Tejo, numa ampla várzea, a dois quilómetros de Castanheira, desapareceu. Dos seus 400 habitantes, cerca de 150 morreram. A tragédia registou-se cerca das 2 horas da manhã em escassos dez segundos, uma gigantesca tromba de

tragedias pela água, pelas torrentes da lama, pelos destroços de árvores, pelas pedras enaromadas. «Os que morreram não têm quem chore por eles» — murmuram, num soluço, um dos escapados. Os socorros só chegaram cer-

esta edição (17 horas) tinham recolhido cento e vinte, e quatro corpos.

No cemitério, os vivos esperam...

No cemitério de Vila Franca de Xira centenas de pessoas aguardam. Choros, gritos, soluços. Aguardam a chegada de novos corpos. O que resta de numerosas famílias espera notícias daqueles que — certamente — jamais aparecerão vivos.

Conquanto trabalhando, em condições de extrema dificuldade, dada a grande quanti-

dade de mortos e desaparecidos e o pequeno número de corpos que ficaram para indicar os primeiros, os nossos repórteres conseguiram já os nomes de muitos deles. Eis-los:

Daniel Pereira Ferreira, 34 anos; Maria Manuela Vicente Ferreira, 30; André Fernando Ferreira, 7; Graça Maria Vicente Ferreira, 20 meses; Adriano Vicente; Alina Silva Vicente; Maria Rosa; Marianna dos Santos Pereira, 30 anos; Joaquina dos Santos Pereira, 49; Elvira dos Santos Pereira, 44; Maria Emília dos Santos Pereira, 29; Maria Teresa dos

Santos Pereira, 9; José Manuel dos Santos Pereira, 8; Joaquim José dos Santos Pereira, 2; Virgílio Pereira, 70; Paulinho Garcia, 78; Maria Germana Pereira, 43; Maria Angélica Teófilo, 25; América, 22; José Pires Monteiro Duarte, 70; Teresa da Conceição, 65; Maria Teresa da Conceição Silva, 15; Casimira Pereira Elias, 25; Anabela Vicente

A EXPLOÇÃO DO PAIOL UMA NOTA DO GOVERNO MILITAR DE LISBOA

(Continuação da 7.ª pág.) como pela extensão e gravidade de cada uma delas. «Em relação às forças do Exército, verificaram-se inundações em grande número de unidades e instalações do Exército, e houve mais grave do que qual ocorreu no paiol do Carrascal. Com efeito, cerca das 22 e 30, foi o Quartel Geral informado que devido à abundância anormal de água, se havia registado, quase subitamente, a inundação total daquele paiol.

«Dado o conhecimento que havia de que aquele armazém de pólvora armazenava, entre outros artigos, quantidade apreciável de artificiais à base de fósforo, desde o início a situação se apresentou de modo a causar preocupações. Solicitados socorros adequados às diferentes corporações de bombeiros da área e até de áreas muito afastadas, os mesmos não puderam ser prestados com oportunidade por aquela unidade, em pedidos anteriores. Tendo sido feita avançar uma força do G. M. L., procedeu-se, desde logo, à construção de drenos de descarga e ou-

tras obras que a situação aconselhava, conseguindo-se reduzir quase completamente a inundação, o que, acompanhado pela melhoria das condições climatéricas, dava a esperança de ter sido dominada a situação. Cerca das 4 horas de 26 surgem os primeiros indícios de oxidação do fósforo que se vão acentuando à medida que o tempo se decorre. Em face disto, são tomadas as medidas de segurança e isolamento da área concernidas, quer por intermédio da P. V. T., quer por força da Polícia Militar, as 4 e 30 interrompem as primeiras chuvas e pelas 5 e 20 dá-se a oxidação do paiol, não se pontando entre os feridos pessoais militares.

O Exército presta auxílio às vítimas em vários locais

«Noutros pontos da cidade e arredores, foram as forças do Exército chamadas a prestar a sua colaboração com as restantes corporações civis nomeadamente com a unidade pessoal do G. M. L., numa intervenção oportuna, e visto que várias famílias fossem arastadas pela enxurrada e destruídas uma força que ajudou as vítimas de um desmoronamento de dois prédios. Na Pontinha, colocou um potente projector que iluminou a área de Odivelas, permitindo os trabalhos de assistência aos moradores.

«Directamente várias unidades prestaram auxílio em numerosos casos solicitados.

«Neste momento estão destacadas forças, junto da C. P., para desobstruir as vias de caminho de ferro e outras convecções, ramos para a segurança que perderam os seus haveres em colaboração com algumas Juntas de Freguesia e o Governo Civil.»

SUGESTÃO A G. P. Autocarros para transporte de passageiros

Entre Queluz e Belas, a queda de uma barreira, depois de ter destruído algumas habitações, provocou grandes estragos na linha férrea, obrigando o comboio a imobilizar-se. Como o tráfego na linha ficou suspenso, julga-se, segundo informações que recolhemos, que não será possível restabelecer durante todo o dia de amanhã a circulação naquele troço, o que provocará grandes prejuízos e transtornos aos habituais passageiros.

Nestas circunstâncias, torna-se indispensável que a C. P. e as autoridades competentes adotem rapidamente medidas de emergência, destinadas a assegurar o transporte desses passageiros em autocarros, enquanto não estiver normalizado a situação.

O «DIÁRIO POPULAR» É TRANSPORTADO PARA TODO O MUNDO NOS AVIOES DA «P. A. A.»

SEM ÁGUA E ALIMENTOS AS POPULAÇÕES DE VÁRIAS LOCALIDADES

Segundo nos referiram moradores do bairro da Urmeira, assim como de Olival Basto, Odivelas, etc., há numerosos núcleos populacionais que estão sem água e sem alimentos. Torna-se necessário, quer utilizando camiões-cisternas, quer por outros processos, fazer chegar a água a esses pontos, além dos indispensáveis alimentos.

água submergiu, quase inteiramente, as cento e cinquenta habitações da zona. A luta dramática travada na área, pela sobrevivência, atingiu o paroxismo. De facto, durante cerca de três horas, devido a estarem completamente isolados do resto do mundo, essas quatrocentas pessoas bateram-se com coragem invulgar, tentando salvar as suas vidas e as dos outros. Famílias inteiras desapareceram.

ca das 5 horas, devido ao facto de um homem, um humilde trabalhador, ter nadado, desesperadamente, até uma zona seca e correr a pedir auxílio. Essa homem: Domingos Mora.

O proprietário Fernando Paílla, os Bombeiros Voluntários de Benavente, da Vila Franca de Xira e os alunos da Escola do Marinheiros colaboraram, esforçadamente, na salvação — e até à altura de fecharmos

Cinco mortos em Caxias e Paço de Arcos

Na zona de Caxias e Paço de Arcos havia, por conhecimento, esta manhã, de cinco mortos, e faziam-se investigações para tentar encontrar uma velha que morava numa casita arrostada pela cheia.

A zona mais atingida foi a situada junto à ribeira de Caxias, cujas águas não se contiveram no leito e transformaram para ribeiro com diques e muros e inundar várias casas. Desde Laveiros, passando pelo Margulhal, até Caxias, são centenas as casas destruídas ou cujo rucho foi totalmente arrasado e danificado pelas águas. No quartel dos bombeiros de Paço de Arcos estão albergadas algumas dezenas de pessoas, não só vítimas do temporal, como da explosão de Lindo-a-Velha.

bentaram o muro. Desceu à cave para salvar a mãe, Maria Catarina, e o filho Quim, de três anos. Já não sou de lá. Morreram os três. Não é difícil adivinhar o desespero da mulher, Isabel Maria Rosa Catarino, que, num momento, perdeu a mãe, o marido e o filho.

Em Paço de Arcos, o guarda da serração Neves morou também afogado. Todos os sábados à noite costumava ir ao cinema. Ontem, à noite, fugiu ao hábito e encontrou a morte. No local não foi possível apurar a sua exacta identificação.

PROVIDÊNCIAS OFICIAIS

COBERTORES E AGASALHOS PARA OS SINISTRADOS

Do Comando-Geral da P. S. P. recebemos, com pedido de publicação, a seguinte nota: «O ministro do Interior, que se encontra no Porto em missão oficial, ao ter conhecimento, por intermédio do Serviço de Transmissões da P. S. P., dos grandes temporais e inundações que assolaram a região de Lisboa e das consequências que delas advieram, tomou imediatas providências, determinando a todos os departamentos dependentes do seu Ministério que prestem toda a colaboração e auxílio a quantos disso necessitem. Igualmente providenciou que

o serviço de repressão à mendicância recolha os sinistrados nos estabelecimentos a seu cargo.»

Mais tarde, cerca do meio-dia, conhecida a mais pormentozadamente a dramática situação na capital e arredores, aquele membro do Governo abandonou as cerimónias à que estava a assistir e tomou um avião particular, com destino a Lisboa, a fim de pessoalmente se inteirar da tragédia e tomar as providências urgentes que a catástrofe requeria.

Providências do Ministério da Saúde

Também o ministro da Saúde e Assistência, em missão oficial no Norte do País, imediatamente entrou em contacto com o seu gabinete, ordenando que os serviços dependentes do seu Ministério prestassem aos sinistrados todo o auxílio.

O pessoal das Misericórdias e do Instituto de Assistência à Família, apresentaram-se espontaneamente nos locais de trabalho e, em colaboração com as brigadas da P. S. P., entregou-se à tarefa de distribuir cobertores e outros agasalhos às famílias vítimas da tragédia.

Salvou a mulher e um filho pelo buraco que fez no tecto mas não conseguiu salvar uma filha

A zona mais afectada em Caxias foi a situada junto à sucursal da Manutenção Militar, onde habitam vários funcionários da mesma repartição do Ministério do Exército. As águas da ribeira reventaram com um muro que defendia os tesouros da Manutenção e subiram a mais de três metros dentro das residências. Foi numa delas que Luis de Sousa Dias, ao ver as águas subir rapidamente no seu quarto, abriu a sua habitação, subiu para cima de um móvel e rebentou o tecto a muro, abrindo um buraco por onde conseguiu fazer sair a mulher, Estela Dias, e um filho de dois anos para o primeiro andar e seguir para o telhado. Quando voltou para tentar encontrar uma filha de 4 anos, Maria de Lurdes Sousa Dias, a luz faltou e ele não conseguiu encontrar a pequena, já submersa pelas águas.

No mesmo prédio, o sr. António Alves tinha saído para acudir a uma vizinha. Quando voltou a casa já as águas a tinham inundado; a mulher e um filho de sete anos boiavam em cima de uma mesa, enquanto uma filha de dois anos e meio já estava a ser submersa. Rebentou uma janela e retirou a miúda. Sem ter por onde escapar à força da corrente, foi um vizinho, já só a salvo no telhado, que rebentou o fio de antena de uma televisão e lhe estendeu para subir com muito estorço.

Numa casa do mesmo bairro, o sr. António Catarino Carvalho, cuja mulher se encontrava a trabalhar no messe dos oficiais de Caxias, encontrou-se no 1.º andar do prédio em que ocupa a cave, a falar com o senhorio, no momento em que as águas do ribeiro re-

DRAMA EM LOURES

(Continuação da pag. anterior)

nos lembrarmos dos estragos materiais. Na fábrica da União de Comércio Exportador, Lda, as águas destruíram máquinas e material, no valor de muitos milhares de contos. Muitas das bobinas de papel que ali se encontravam armazenadas foram aparecer, esta manhã, a quilómetros de distância.

Pereceu nas águas o subdelegado de Saúde de Loures e toda a família

Mas é em Loures que a tragédia brutal se nos depara em toda a sua grandiosidade. Na imagem dos corpos alinhados sobre um estrado de madeira, no edifício dos Bombeiros que está agora transformado em necrotério São catorze ao todo, recolhidos na Várzea de Loures, mas outros já seguiram para Lisboa.

Lado a lado, deformados pelo mesmo lama negra que tudo cobre, estão duas irmãs, gémeas, de onze anos: Maria Dolores e Maria Virginia de Oliveira. Têm junto de si as pastas com os cadernos escolares. Como todos os outros, têm os rostos calmos, embora neste caso a morte não as tenha colhido de surpresa.

São filhas do dr. Alberto Alves de Oliveira, subdelegado de Saúde de Loures, e seguem com os pais de automóvel, em viagem de Pinheiro de Loures para Bucelas, quando a enxurrada os surpreendeu na Várzea de Loures. Os homens reco-

lheram os cadáveres das duas lovens, estreitamente abraçadas, mas seus pais ainda não apareceram.

Encontram-se ainda nos bombeiros de Loures duas meninas, de 7 e 10 anos, Fernanda Maria e Maria de Jesus Capelão dos Santos. Jullu da Silva Brunira e as suas duas filhas, e outros que ainda não foram identificados.

No regresso, a Lisboa, vemos bichas junto das fontes, vemos homens que procuram desenterrar bicicletas, vemos um barco de borracha que é utilizado como maca para transportar mortos, e sabemos de telefonistas que durante toda a noite tentaram, em vão, fazer ligações a chorar perante os pedidos angustiados de socorro que lhes chegaram aos ouvidos.

De uma casa isolada pela água surge na nossa direcção um grito de socorro:

«Por favor telefone para 761619 e diga para irem buscar as meninas!»

Não nos esqueçamos de telefonar, ao chegar à Redacção, mas ninguém responde. Que terá acontecido?

Ao longo de toda a zona das Pedometrias, já próximo de Odivelas, a ribeira tudo levou, taludes e pontes por onde costumavam passar camiões de dose toneladas. Agora nada resta, a não ser o espócio ou a espelha das pessoas que mal conseguiram salvar os seus haveres. Uma mulher possuía calmamente com três galinhas mortas nos mãos, e um homem estava em loco de bilhar, que também apareceu nas águas. Já faz sol, e as pessoas sentem-se felizes por estar vivos.



NOITE DE TRAGÉDIA EM LISBOA E NOS ARREDORES

CENTENAS DE DESALOJADOS no bairro da Urmeira

Lama, destroços, miséria, morte — novo nome, esta manhã, do bairro da Urmeira, à Pontinha, num vale sosseiro a duas grandes colinas. Dessas colinas a água correu, a noite passada, principalmente entre as 22 e as 24 horas, numa enxurrada gigantesca, que destruiu a quase totalidade das habitações de madeira remediada e de telhados de lúzio. Um primeiro balanço, esta manhã, fazia recer a existência de uma vintena de mortos, de três centenas de feridos e de mais de uma centena de famílias desalojadas. O bairro da Urmeira estava por ser extinto e já havia ali

Num último recurso, os homens e as mulheres acaam desesperadamente o tecto, abrem nele um buraco e tentam por ali escapar a morte. Entretanto, móveis, roupas, madeiras partidas e destroços sem nome nem forma são arastados não se sabe para onde. De manhã, uma pequena multidão de gente descalça e mais vestida de lama do que de roupa iria procura-los por entre os montes de ruínas e no fundo das poças lamacentas. Um servente, que só pela manhã chegou a casa, encontrou a tragédia no sítio do lar: morta a mulher, morto o filho, dispersos pela enchida todos os haveres. De manhã, dir-nos-ia: «Perdi tudo... só me deixaram lama...»

Porque hoje não havia comida, não podia haver, no bairro da Urmeira. Aquí e além, mulheres perguntam pelos maridos, pais pelos filhos; gente pobre e estupefacta com a lama, na expectativa de encontrar os corpos de quem lhe falta. Isto nunca devia ter acontecido... — murmurou um sobrevivente, quando o interrogamos. — Todos os anos coisas parecidas aconteciam aqui... Era de prever... Já aqui estou há 16 anos mas

nevera vira coisa assim... E foi tudo em duas horas... Nunca d-via ter acontecido... Encontrada uma criança junto de dois mortos. Esta manhã, umas pessoas que passavam no bairro da Urmeira, à Pontinha, ouviram o choro de criança. Aproximaram-se de um canal e ali deparou-se-lhes um trágico quadro: um bebé, de 5 a 7 meses, chorava junto dos corpos de um homem e de uma mulher mortos. Tratou-se de um menino, que foi transportado para a Misericórdia, onde se encontra. A criança tem um anel num dos dedos.

PREVISÃO METEOROLÓGICA MELHORIA GRADUAL DO TEMPO

Os serviços meteorológicos do Aeroporto têm-se mantido atentos à situação anormal que assolou Lisboa durante todo o dia de ontem até à madrugada de hoje e que foi criada por forte depressão. A partir da manhã, porém, essa depressão, que foi das mais activas dos últimos tempos, desloca-se para leste, logo enfraquecendo os efeitos que durante longas horas se fizeram sentir, com as suas terríveis consequências. Deve-se essa mudança ao anti-ciclone centrado nos Açores, e uma vez que ele secomanda agora a situação, o tempo acalmou, não se prevendo a repetição do temporal, mas, sim, melhoria gradual das condições atmosféricas.

fluenciar o estado do tempo no território do continente. Essa depressão estava em deslocamento rápido para leste e a melhoria do estado geral do tempo em todo o território. Chovia ainda em várias regiões do interior, e o vento predominante era de norte, em geral moderado. Iria amanhã, o mesmo Serviço prevê. Tempo instável. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas, em especial nas regiões a sul do rio Mondego. Vento moderado de norte ou nordeste, por vezes com rajadas fortes.

SUSPENSAS as ligações ferroviárias entre Lisboa e o Entroncamento e na linha de Sintra

A administração da C. P. tornou público o seguinte comunicado: «Por motivo do violento temporal na noite passada estão suspensas as ligações ferroviárias nos dois sentidos entre o Entroncamento e Lisboa e em toda a linha de Sintra. Logo que seja possível o restabelecimento do tráfego, será feito aviso.»

da, porque a linha ficou danificada em vários pontos, nomeadamente em S. Pedro do Estoril, Caxias e Paço de Arcos, a circulação de comboios na linha do Estoril esteve interrompida desde as 22 e 30 de ontem. Além dos danos na via, o sistema eléctrico de algumas composições ficou, também, avariado. Três comboios ficaram bloqueados em Alcântara, Cruz-Quebrada e Santo Amaro.

Restabelecida a circulação de comboios até Alhandra. A circulação de comboios que, até às 10 e 27, se fazia apenas entre Sacavém e o Rossio, passou aquela hora a processar-se até Alhandra. Linha de Estoril: restabelecida parcialmente a circulação. A estação do Cais Sadré parecia, esta manhã, um lago. Por esse motivo, e, ain-

Os operários e engenheiros começaram logo a trabalhar e a experimentar a via com o comboio que ficara paralisado em Alcântara. Ao meio-dia, foi possível restabelecer a circulação, por uma só via e com muitas precauções, entre as estações de Santos e de S. Pedro do Estoril. De tarde, continuou a trabalhar-se em S. Pedro do Estoril e espera-se que, ainda hoje, seja possível levar um comboio até Cascais.

CORTES no fornecimento de energia eléctrica

Nas redes de electricidade a cargo das C. R. G. E. registaram-se, ontem, à noite, e durante a madrugada, diversos cortes por zonas, ocorridos que estão a ser reparados pelo respectivo pessoal, reforçado devido à disseminação das avarias que se registaram nos mais diversos pontos da cidade. Assim, muitos dos empregados das C. R. G. E., que gozavam hoje o seu descanso semanal, apresentaram-se ao trabalho, para se normalizar, o mais depressa possível, a situação. Segundo uma informação que colhemos, pensa-se que a distribuição de energia eléctrica voltará à normalidade ao princípio da noite.

NO AEROPORTO O TRAFEGO NORMALIZOU-SE AS PRIMEIRAS HORAS DA MANHÃ

No Aeroporto de Lisboa, a noite e a madrugada foram, ainda, de nevoeiro, que só se dissipou, permitindo a partida de aviões, após uma interrupção de quase trinta horas. Foram 7 e 13 quando decolou o primeiro avião. A seguir, verificou-se autêntica avalanche de partidas e chegadas das carreiras que a neblina retivera. A enxurrada danificou uma das pistas, mas os serviços técnicos da aerogare bastaram à reparação. O mau tempo no Atlântico obrigou um avião da Canadian Pacific a desviar-se da sua rota, e vir a aterrar em Lisboa em vez de o fazer em Santa Maria.

MORREU UMA CRIANÇA SOB UMA BARRACA DESTRUIDA

Uma casa na rua Portugal Durão foi destruída por um muro que abateu. Viviam ali Hermínia Augusto, de 50 anos, com seus filhos, António, de 21, e Augusto Correia, de 7, tendo ficado todos feridos. Foram conduzidos ao Hospital de Santa Maria, onde o último já chegou morto.

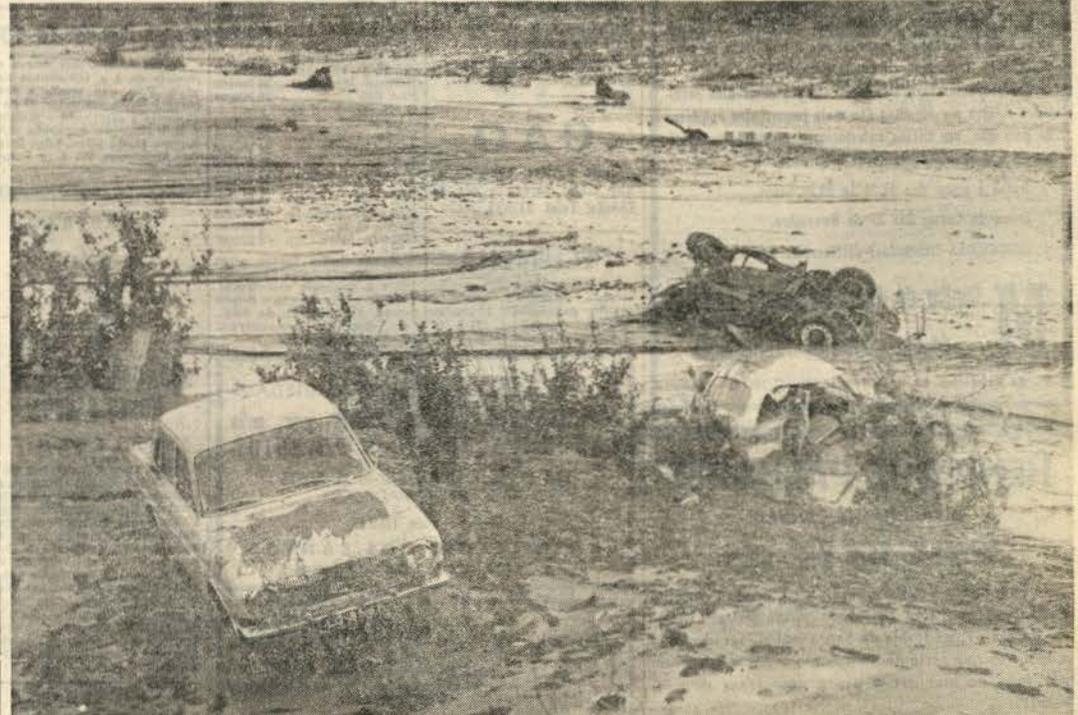
em casas novas, mais sólidas, para realojar os moradores. Mas a noite passada o destrutivo dilúvio fê-lo desastrosamente pelo processo brutal e rápido da tragédia natural.

A escuridão, os gritos de socorro

Boas de água lamacenta com lama e melo de altura caíram das colinas e inundaram o bairro, arrancando as velhas habitações dos seus alicerces, quando-as umas contra as outras, despedaçando-as, sepultando sobre os escombros mulheres, homens, crianças. Os primeiros e praticamente todos socorros foram prestados por cerca de quarenta homens do Regimento de Engenharia 1, da Pontinha, que a noite da madrugada desceram a ferro da Urmeira. Não submersem, lutando contra a força da enxurrada, os milhares só ouviam, na escuridão total, afliitivos gritos de socorro. Uma casa, sete crianças jaziam para cima de um pequeno armário, encostando-se desesperadamente ao tecto da habitação, enquanto a água caía.

Só me deixaram lama

Uma enorme habitação, com os moradores, geme nos alicerces enquanto a água sobe a seu interior, em torvelimino. As mulheres e os homens agarram nas crianças e põem-nas no cima das mesas, penduradas nas traves de madeira do tecto. Mas a enxurrada põe a miserável casa sobre os alicerces e é atirada para outra, fica arrombada, começa a adernar como um bloco naufragado.



Carros afogados em lama, à beira da estrada de Olival Basto

NA SACRIFICADA VÁRZEA DE ODIVELAS

MINUTO A MINUTO CHEGAM CADÁVERES que se receia atinjam algumas dezenas

• às 12,40: 52 corpos já recolhidos

Em Odivelas, onde as inundações são frequentes, pois a ribeira é baixa e está muito assoreada, a tragédia atingiu hoje proporções dramáticas jamais alcançadas. As primeiras estimativas prevêem que o número de mortos seja da ordem das duas centenas, com possibilidade de aumentar.

A várzea é verdadeiro cemitério, juncado de cadáveres. Até às 12 e 40, já tinham sido transportados, em «jeeps» e barcos de borracha 52 corpos para o quartel dos Bombeiros Voluntários. Mas a penosa tarefa de recolha de cadáveres continuará ainda por muito tempo.

PRECIOSA COLABORAÇÃO DOS FUZILEIROS ESPECIAIS

Só às 11 e 30 surgiu no ar um helicóptero da Força Aérea, que começou a sua observação em toda a zona, onde é constante o macabro espectáculo de animais mortos, em especial bois e porcos.

Os bombeiros voluntários obtiveram preciosa colaboração por parte dos Fuzileiros Especiais da Escola do Vale de Zebro, que tendo comparecido ontem às 19 horas, se mantiveram em ininterrupta actividade até à tarde de hoje.

O PARQUE DO QUARTEL DOS BOMBEIROS JUNCADO DE CORPOS

O vasto parque de viaturas do quartel dos Bombeiros não tardou a ficar juncado de cadáveres. Os corpos chegavam de minuto a minuto.

Os bombeiros perderam, entretanto, um pronto-socorro, que foi arrastado pelas águas.

Junto à ribeira, num silvado, um pouco por toda a parte, são constantemente encontrados corpos. No rio, mesmo nas trazeiras do quartel, foi descoberto o corpo de uma criança afogada.

RECEIA-SE QUE HAJA MAIS VITIMAS NO PATIO DO SILVADO

O comandante dos Bombeiros tentou, durante toda a manhã, junto do Município de Loures, obter uma camioneta que pudesse deslocar-se até ao Pátio do Silvado, onde viviam muitas dezenas de pessoas. Não foi possível, até à hora a que fechamos esta tiragem, a obtenção da referida viatura, por estar ausente o presidente da Câmara. Há fortes receios de que, naquele Pátio, se registre também apreciável número de vítimas.

Na Fábrica Repal, junto à ponte da Póvoa de Santo Adrião, rebentou um volumoso depósito de gás,

tendo as suas emanações invadido toda uma zona próxima.

As autoridades, compreendendo o perigo que daí poderia advir, recomendaram a todos os automobilistas que evitassem fazer lume.

AS 13 e 20: começou a tarefa penosa do reconhecimento dos cadáveres

Entre os corpos já recolhidos predominam os de crianças. As 13 e 20, quando o número de vítimas que jaziam no parque de viaturas atingiu os 54, começou a penosa operação do reconhecimento por familiares e amigos.

Mas os corpos, cobertos de lama, apresentavam-se quase irreconhecíveis. Além disso, devido ao facto de terem rentado canalizações, não existe água para os lavar.

Mas muitos são os mortos que não foram ainda encontrados e transportados para o local. Famílias inteiras pereceram.

Numa saleta, ao lado do parque, os bombeiros procederam à recolha de mulheres e crianças, procurando confortá-las com bebidas quentes. É confrangido o espectáculo destas crianças frágeis e apavoradas, olhando sem compreender os cadáveres de outras crianças.

Espera-se que, ao fim da tarde, comece o transporte para o Instituto de Medicina Legal, em Lisboa, das vítimas até então recolhidas.

Pouco depois das 13 horas, um camião e um «jeep» dos Fuzileiros Especiais dirigiram-se para o Pátio do Silvado, onde vão procurar socorrer as famílias por cuja sorte se receia.

Surge, assim, finalmente, a esperança de se salvarem algumas dezenas de vidas.

AS 14 e 40: Numerosas famílias desaparecidas

Proseguirão, ao longo de toda a tarde, as buscas na várzea. A cada momento chegam notícias de casas soterradas.

As tropas de Engenharia desenvolvem, ao lado dos fuzileiros especiais e dos bombeiros, actividade constante nas operações em curso.

Entretanto, torna-se impressionante o número de famílias desaparecidas. Entre aqueles cujo paradeiro se desconhece, e que são oficialmente procurados pelos familiares, contam-se três irmãos. Abílio, Francisco José e Francisca Duarte Garcia Valadeiro, respectivamente de 3, 4 e 16 anos.



FOI ESTE COMBOIO QUE DETEVE A ENXURRADA QUE AMEAÇOU ALHANDRA

MEIO METRO DE LAMA NAS RUAS DE ALHANDRA

(Continuação da 1.ª pág.)

comboio, Ricardino da Silva, o factor José da Silva Baltasar e o guarda-freio Joaquim Teixeira António.

E mais adiante: «Tínhamos parado há momentos, era 1 e 15, quando um ruído enorme nos encheu de surpresa e horror.»

Imediatamente, vimos avançar, mais propriamente cair, uma mancha gigantesca que parecia fervilhar, que se abateu sobre o comboio, fazendo-o estremeecer a ponto de recarreiros que ele tombasse.»

Em menos de dez minutos todo o local, a via férrea e a estrada e a rua que a ladeiam estavam submersas e a água atingia três metros de altura.

Só hora e meia depois se pôde ver que, de encontro

ao comboio, estavam mais de quinze automóveis, uns completamente destruídos, outros com poucos danos.

A tragédia foi atenuada pelo comboio

Não há dúvida — reconhecem-no não só os tripulantes do comboio citado mas também toda a população de Alhandra — que a presença do comboio 184 atenuou multíssimo as gravíssimas proporções da vaga devastadora, pois ser vindo-lhe de resistente opoitor arbrandu o seu impeto. Desta forma, a enxurrada invadiu com menos força a avenida Afonso Albuquerque, abtendo-se contra os seus prédios, e continuou pela via fora na sua incontrolável marcha, fazendo vítimas e causando incalculáveis prejuízos. Basta dizer que pelo menos mais cinco vítimas, quatro delas em suas casas, foram causadas pela terrível corrente.

Um automobilista morreu dentro do carro que a enxurrada arrastou

As 2 e 30, quando a cheia, mais aumentada pelo engrossamento da ribeira que passou na terra e tem parte do seu curso paralelamente à via férrea, começou a decrescer, o guarda-freio Joaquim António, emocionado, saltu do vagão e foi, esquecendo o perigo a que se oferecia, à estação, distante 200 metros, pedir auxílio e contar o que se passava junto do seu comboio. Foi um percurso tormentoso, muitas vezes com água pela cintura, e constantemente ameaçado de ser derrubado pela corrente.

Dezasseis automóveis encontravam-se junto do comboio, destruídos. Num deles estava, morto, o condutor. O carro fora certamente surpreendido pela cheia quando em circulação.

Mais tarde foi encontrado, junto a um vagão, no meio dos destroços, o cadáver de outro homem. Foi reconhecido o infeliz. Tratava-se do empre-

gado da estação de serviço da Mobil instalada sob o viaduto da auto-estrada, fronteiro ao local.

As janelas ou junto às casas viam-se muitos habitantes em verdadeiro estado de choque, uns quietos, de faces hirtas, incapazes de reagir, outros atacados por uma impaciência febril, trabalhando freneticamente na desobstrução das casas, em cujos andares tercos o caudal das águas tudo destruiu, e depositando terra, pedras e outros detritos.

Ambiente dramático

Na rua Marquês de Rio Maior, perpendicular à linha de caminho-de-ferro, a força das águas em movimento fez-se sentir com particular violência.

O sr. Domingos Gomes, homem dos seus 60 anos, morador no 1.º andar do n.º 43, falta-lhe sem poder ocultar a sua emoção:

«Era 1 da madrugada quando comecei a ouvir gritos vindos do andar de baixo. A mulher do reformado Manuel Neto pediu socorro, pois a água invadira-lhe a casa. Não se podia fazer nada. Só ao fim de muitas horas se conseguia forçar a porta. A boiar na água do seu próprio quarto o Manuel Neto estava já sem vida...»

Mais abaixo, no n.º 11 da mesma rua, o drama ainda foi maior: surpreendidos em pleno sono, nas suas camas, ficaram sem vida a sr.ª Maria

Piedade, de 70 anos; a nora, Emília Lopes, de 45, e o neto, Paulo Lopes, de dois anos.

Dentro da própria vila há dezenas de pessoas desalojadas, muitas delas recolhidas em casas de vizinhos, outras a vagar com os haveres às costas...

Os arredores da vila também foram atingidos

Mas a noite dramática não se fez só sentir na vila: nos arredores, casas e abarracamentos isolados nos montes, nomeadamente os situados em declives, foram inundados e destruídos pelas águas, tornando-se, por enquanto, impossíveis concretizar o número de mortos e feridos.

Em Calhandriz e na Ponte da Silveira, localidades situadas entre Alverca e Alhandra, há notícia de várias mortes, pelo menos três pessoas que residiam numa habitação perto do rio Váze, que foi levada pelas águas.

Na casa mortuária do Hospital de Alhandra, às 14 horas, havia 18 corpos, mas temese que, durante a tarde, surjam muitos mais. Os feridos são em número de muitas dezenas. Entre os mortos, além dos já referidos, contam-se o sargento Pereira, reformado da Armada; Manuel Pereira, correspondente do jornal «República»; a sogra do sr. António de Sousa; Alfredo Esteves, o electricista Joaquim dos Bonecos, o Chico Tintim e o Pe-Leve.

SE VAI AO ALGARVE NÃO DEIXE DE VISITAR A PRAIA DE ALVOR

SE GOSTAR ASSEGURE ALI AS SUAS FÉRIAS

Prestam-se todas as informações; NA SEDE — PRAÇA JOSE FONTANA, 17-3.º — TELEFS. 45563-52986 E NO LOCAL

ALTA FIDELIDADE LEAK ESTEREOSOM

AV. DUQUE D'AVILA, 56-A LISBOA 1 (Metro Saldanha)

«BALÃO VERMELHO» BOUTIQUE

PARA MENINAS ATÉ 16 ANOS

Recebeu a sua colecção de Outono e Inverno

No «Shopping Center» da Star

AVENIDA ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR, N.º 1-B — TELEFONE 41279